

Encontros intermusicais de qualidade

Curso de Verão promove concertos inesperados, como oboé e bateria, além de integrar profissionais de vários países

PAULO PANIAGO

Uma verdadeira Babel se instala nos domínios da Escola de Música na época do Curso de Verão. São pessoas de várias partes e todos os estilos musicais se misturam. Uma aula de oboé ao lado de outra de bateria não são incomuns. O Curso de Verão já teve mais alunos estrangeiros em outras safras, mas o número deles é sempre grande. E não só alunos: os maestros responsáveis pelas orquestras (são duas) e pelos coros (o de câmara, com 16 integrantes, e o Grande Coro, que se apresentará com a orquestra A) são ambos estrangeiros. Alfonso Pollard é o responsável pelo trabalho com as duas orquestras e Carlyle Weiss está à frente dos corais.

Além disso, diversos professores de outros estados são convidados para ministrar aulas em Brasília durante o Curso de Verão. O que todos ressaltam quando interrogados é a possibilidade de intercâmbio profissional. É o caso da aluna de canto Marcela Villamor, uma soprano que está tendo aulas com Edmar Ferretti. Ela veio de Buenos Aires, onde é professora de musicalização para crianças, pagando as despesas do próprio bolso (talvez ganhe bolsa de alimentação) e defende que o melhor é "aprender coisas novas e, principalmente, como se trabalha fora do País". Musicalmente falando, claro. É a primeira vez que ela sai do país para fazer um curso e veio incentivada por uma carta que recebeu do regente Alexis Cuello.

O caso do flautista Gabriel Calabrese não é muito diferente. Com 17 anos, é a primeira vez que deixa Buenos Aires para fazer um curso em país estrangeiro. Seu professor de flauta na Argentina, Saul Martin, foi quem deu as coordenadas para que ele viesse ao Brasil. No Curso de Verão está tendo aulas com Eduardo Monteiro, de flauta, e com Bridget Moura Castro, de música de câmara. O jovem flautista também viajou com recursos próprios. Suas expectativas agora são de entrar para o Conservatório em Buenos Aires, que se equipara a um curso superior de música aqui.

Para o violonista chileno Hugo Manzi a situação é um pouco diferente. Morando em Santiago, ele já tem



O chileno Hugo Manzi, a argentina Andrea Leguizamon e a inglesa Bridget dividem as aulas



Fotos: Sebastião Pedra



Esta foi a primeira vez que Gabriel Calabrese saiu de Buenos Aires para o Curso de Verão

experiência com concursos internacionais, feitos na Argentina e no Uruguai. Mas teve sorte mesmo foi em casa, quando venceu o Concurso de Execução Musical Javiera Carrera, em 88. Manzi veio ter aulas com Henrique Pinto e tem outras razões além da confraternização para estar aqui. "Vim porque a música popular e a música erudita brasileira são muito boas e queria ampliar meus conhecimentos sobre as duas", diz. Manzi, que é profissional e dá aulas particulares, fala um português muito bom, porque teve

aulas na Embaixada do Brasil, em Santiago, quando escrevia um trabalho sobre a música popular brasileira.

A violinista Andrea Leguizamon é uma das poucas argentinas que não veio de Buenos Aires. Ela é de Córdoba, no interior do país. Como os outros, ela viaja com recursos próprios, o que significa US\$ 230 só de passagem de ônibus. Vale a pena, porque está tendo aulas com o professor norueguês Ole Bohn. Andrea tem interesse particular pela música popular argentina e destaca como importante

nesse curso a possibilidade de travar contato com pessoas de outra formação musical. Na aula do professor Bohn ela tem isso de sobra, não só no campo musical mas também no linguístico, já que Bohn fala alemão, um pouco de português e, como quase todo mundo, inglês. Uma aluna traduz o alemão e todos se entendem no final das contas.

Nem todos os professores estrangeiros, entretanto, sofrem problemas com a língua. Bridget Moura Castro é uma inglesa que dá aulas nos Estados Unidos, em Connecticut. Conheceu seu marido brasileiro e também músico (o pianista Luiz Carlos Moura Castro) em Budapeste, onde se casaram. Ela morou por três anos no Rio de Janeiro, entre 67 e 69, e chegou a receber, junto com o marido, um convite para trabalhar em Brasília. Bridget está pela segunda vez dando um curso de música de câmara aqui no Curso de Verão. "É uma experiência ótima", garante. "todos aprendem muito uns com os outros. Alguns alunos têm a chance de tocar pela primeira vez com alguns instrumentos. Um clarinetista que nunca tocou com um oboísta, por exemplo, terá a oportunidade de fazê-lo aqui".

Os músicos convidados para o curso não estão todos em atividades de aula. É o caso do regente titular da Orquestra Sinfônica de Goiânia, Emílio de César, que pela terceira vez trabalha como coordenador das orquestras e dos coros no Curso de Verão de Brasília. A participação dele em outros cursos da cidade não se restringe a esse papel. "Já participei também como regente das orquestras de outras vezes", lembra Emílio.

Sua responsabilidade é organizar para que tudo funcione nos ensaios das duas orquestras e dos coros, além de agendar e dar conta de ensaios extras, controlar a frequência dos alunos na orquestra, atividades que parecem ter um caráter pouco musical. Mas não é isso que pensa o maestro Emílio de César, sempre presente aos ensaios do seu colega Pollard: "Ele é um profissional bom que trabalha com uma orquestra de jovens em Washington e sempre encontramos atividades musicais para fazer".